A Construção da Identidade em Sociedades Indígenas

ALCIDA RITA RAMOS

1 — INTRODUÇÃO

Este é o conjunto dos trabalhos que foram apresentados na Mesa-redonda "A construção da identidade em sociedades indígenas" que foi realizada durante a 13.ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo, de 4 a 7 de abril de 1982. Organizada por mim, ela teve ainda a participação de Roque de Barros Laraia como debatedor.

A organização desta Mesa foi orientada pela preocupação de empreendermos um tipo de trabalho que venha a contrapor o uso e abuso de certos conceitos que são bastante correntes nos meios indigenistas e que têm sido apropriados por interesses diversos, sempre no contexto de dominação de povos indígenas.

Temos, por exemplo, o conceito de "tribo". Como bem acentuou Morton Fried há uns 12 anos atrás, esse conceito se refere a um fenômeno secundário, isto é, surgiu com a expansão da sociedade ocidental e a colonização de várias partes do mundo, principalmente, a África e as Américas.

As dificuldades de definição do conceito de tribo refletem, sem dúvida, o fato de que ele é tanto mais útil quanto mais ambíguo for. Se, na África, era conveniente aos colonizadores acentuar diferenças tribais para justificar sua oposição às unificações nacionais, na América do Norte, reconhecer-se "tribos" como entidades discretas implica em reconhecer seus direitos territoriais, o que nem sempre, ou raramente, se fazia.

Vemos também a inadequação do termo tribo no Brasil, quando, por ignorância ou por intenção, entidades religiosas e oficiais manipulam o conceito, atribuindo o *status* de "tribo" a aldeias do mesmo grupo indígena, ou juntando vários grupos diferentes sob uma mesma égide artificialmente tomada por "tribal".

A circulação de conceitos relativos à identidade étnica chegou ao máximo da manipulação com os ditos "indicadores de indianidade" ou "indicadores de integração", recentemente fabricados pela FUNAI com o intuito de negar a certos grupos indígenas aquilo que é impossível de erradicar por decreto, que é a sua indianidade.

Portanto, evocando uma das premissas mais básicas que orientam o exercício da nossa disciplina, organizei esta Mesa com a intenção explícita de trazer a público conceitos e posturas sobre identidade étnica, buscados de dentro das próprias sociedades indígenas que vivem as situações de contato, situações essas que impõem a necessidade desses conceitos e definições. O serem estes conceitos pensados e articulados pelos próprios atores não significa a adoção de uma atitude empirista, excessivamente atada a manifestações concretas. Pretendemos, sim, ir à fonte para captar os elementos necessários que nos permitem entender de que matéria-prima se faz a identidade étnica.

Temos aqui colegas que nos trazem contribuições das mais diversas áreas e experiências de contato, desde o sacrossanto Alto Xingu, até o contexto urbano de Manaus.

A seqüência dos trabalhos segue a ordem de sua apresentação durante a Mesa-redonda.